

Os desajustes da opressão *ou a estrelinha de Lily Curcio*

Apresentado na 38ª edição do Festivale, o espetáculo "Desajustada", criação e performance de Vanderleia Will com direção de Lily Curcio, é uma obra que além de explorar os limites da linguagem cômica e visual ao abordar questões sociais profundas, serve como uma comovente homenagem ao legado de Lily, que faleceu em 2023. Sem recorrer a palavras, o espetáculo utiliza o potencial expressivo da palhaçaria para tecer uma crítica sagaz à opressão e às estruturas limitantes de uma sociedade que aprisiona e silencia. Sem recorrer ao discurso explícito, a peça transforma a gaiola dourada — metáfora central da encenação — em símbolo das forças limitantes que aprisionam a mulher: o patriarcado, as imposições da maternidade, o trabalho exaustivo e os padrões estéticos.

A peça inicia-se com uma imagem impactante: a palhaça Vanderleia Will enclausurada em uma gaiola dourada, que imediatamente se configura como uma metáfora da opressão. A gaiola, ao mesmo tempo que simboliza o aprisionamento, apresenta-se como um elemento cenográfico ambíguo — é decorativa, chamativa, mas também claustrofóbica, refletindo a tensão entre a opulência superficial e a restrição imposta. Essa dualidade dialoga diretamente com a condição humana: o desejo de liberdade confrontado pelas normas e padrões sociais.

Os movimentos da performer, ora contidos, ora explosivos, ampliam o significado da gaiola. A sua fisicalidade caricata e precisa transmite tanto a vulnerabilidade quanto a força de quem busca libertar-se. A ausência de palavras é compensada por uma linguagem corporal hiperexpressiva, que evoca tanto o humor quanto a melancolia. Esse equilíbrio confere ao espetáculo uma dinâmica que oscila entre o patético e o bombástico, desafiando o público a refletir sobre os limites que todos carregamos. Esses momentos revelam a capacidade de Vanderleia Will de transitar entre o riso e a reflexão, desafiando o espectador a enxergar, sob a superfície cômica, as amarras invisíveis que sustentam o espetáculo — e a vida.

A direção de Lily Curcio potencializa a narrativa visual ao criar uma dramaturgia fundamentada nas gags e truques característicos do universo clownesco. O humor, aqui, não se apresenta apenas como forma de alívio cômico, mas como um dispositivo crítico. Em uma sociedade que frequentemente minimiza as questões de gênero, liberdade e autonomia, a comédia torna-se uma ferramenta subversiva, permitindo que questões espinhosas sejam abordadas de maneira acessível e instigante.

Ao utilizar a linguagem universal da palhaçaria, "Desajustada" consegue explorar questões complexas sem precisar de palavras. A peça é, ao mesmo tempo, profundamente política e acessível, utilizando o humor para expor as incoerências do mundo. A estética da beleza, representada pela gaiola dourada e as opressões sobre o cotidiano feminino, é desmontada pela irreverência da palhaça, que se recusa a aceitar a prisão como destino final.

O figurino e a maquiagem da palhaça Vanderleia reforçam essa crítica visual. O exagero nos traços faciais e nas cores vibrantes do traje contrasta com a sobriedade da gaiola dourada, criando um jogo visual que escancara as contradições da sociedade contemporânea.

A força visual do espetáculo reside no uso de objetos ordinários, que, em cena, se transformam em símbolos carregados de significado. Camisas masculinas remetem à opressão do patriarcado e à imposição de papéis de gênero; relatórios e celulares evocam a exaustão do trabalho e a onipresença de uma produtividade sufocante; já os itens de beleza, como batons e espelhos, denunciam a tirania dos padrões estéticos.

Esses elementos não são apenas acessórios de cena, mas códigos visuais que, juntos, constroem um universo opressor. Quando Vanderleia manipula esses objetos, suas ações oscilam entre o patético e o cômico, expondo o absurdo de uma sociedade que, ao impor esses "apetrechos", limita a autonomia feminina.

A gaiola dourada não desaparece — mesmo nos momentos em que a palhaça parece escapar, a sua sombra permanece. Isso cria um contraste entre a utopia da liberdade, representada pelo humor explosivo e pela inventividade da personagem, e a realidade do cotidiano, marcada pela força persistente das estruturas opressoras. Assim, a fuga da gaiola em "Desajustada" não é um final triunfante, mas um convite para questionar as bases que continuam a sustentar a opressão.

O espetáculo é uma aula de como a narrativa visual pode ser usada para criticar estruturas sociais. Vanderleia Will e Lily Curcio transformam objetos comuns em símbolos universais de opressão e resistência, enquanto a gaiola dourada se torna uma metáfora marcante para as limitações do cotidiano. Ao explorar os códigos visuais do patriarcado, do trabalho e da beleza, revela o que há de mais trágico e cômico na vida contemporânea. É um convite para que o público enxergue as gaiolas douradas ao seu redor — e, quem sabe, comece a desajustá-las.

"Desajustada" é um espetáculo que prova a potência da narrativa visual e do humor como ferramentas críticas. Vanderleia Will e sua equipe criativa entregam uma performance envolvente e precisa, enquanto a direção de Lily Curcio orquestra um jogo visual e emocional que captura a atenção do público do início ao fim. Mais do que uma comédia sem palavras, a peça é uma convocação à liberdade — e uma lembrança de que, mesmo nas prisões das gaiolas e outras amarras, sempre haverá espaço para o riso como forma de resistência. Se a gaiola dourada simboliza as estruturas que insistem em nos aprisionar, o legado de Curcio é o brilho que nos inspira a continuar tentando escapar – sempre com humor, coragem e humanidade.

Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador, crítico e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp, onde tem Mestrado em Artes, e jurado de Teatro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes e do Prêmio Arcanjo de Cultura